

A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens

Liriane Gonçalves Barbosa

da Faculdade de Ciência e Tecnologia-Universidade Estadual Paulista
Presidente Prudente - São Paulo - Brasil
lirianegeoufpi@gmail.com

Diogo Laercio Gonçalves

da Faculdade de Ciência e Tecnologia-Universidade Estadual Paulista
Presidente Prudente - São Paulo - Brasil
diogolg12@gmail.com

RESUMO: No contexto geral, a geografia tem como enfoque principal, as abordagens acerca das relações sociedade e natureza. Tais relações, sempre foram objeto principal dos estudos da geografia em todas suas categorias de análise (espaço, paisagem, território, região e lugar), com maior ou menor ênfase, no que tange à compreensão da organização do espaço geográfico, cabendo ao geógrafo buscar entender como estas relações se transcrevem a partir do seu ponto de investigação. Notadamente, os estudos da paisagem, nessa ciência, apresentam papel relevante para entender tais relações. Foi nesse sentido que ela se estabeleceu como uma de suas principais categorias de análise, constituindo-se, ao mesmo tempo, em conceito e noção, apresentando polissemias interpretativas que lhes conferiu, ao longo dos anos, sentidos paralelos, objetivos e subjetivos. Desenvolveu corpo teórico- metodológico de estudo do meio ambiente a partir de um conjunto de técnicas e ferramentas de análise, de um lado e por outro lado, uma pedagogia de estudo a partir da percepção do sujeito. Assim, podemos concebê-la como a transcrição/interpretação geográfica do arranjo espacial. Partindo dessa premissa, o presente texto traz uma breve abordagem do estudo da paisagem na geografia, tendo como ênfase o desenvolvimento das diversas concepções no âmbito das escolas geográficas.

Palavras-Chave: Paisagem. Abordagens. Geografia.

Introdução

Desenvolveu-se ao longo desse texto, uma breve discussão acerca da paisagem e sua abordagem no âmbito de algumas escolas de Geografia, enfaticamente aquelas escolas cuja influência tem sido mais marcante sobre a Geografia brasileira, a escola russa, a escola alemã e notadamente a escola francesa. A ideia primordial foi elaborar um texto síntese sobre o desenvolver da paisagem nessa ciência desde seu nascer, destacando, inclusive sua etimologia e colocando em evidência o contexto, ou os contextos que

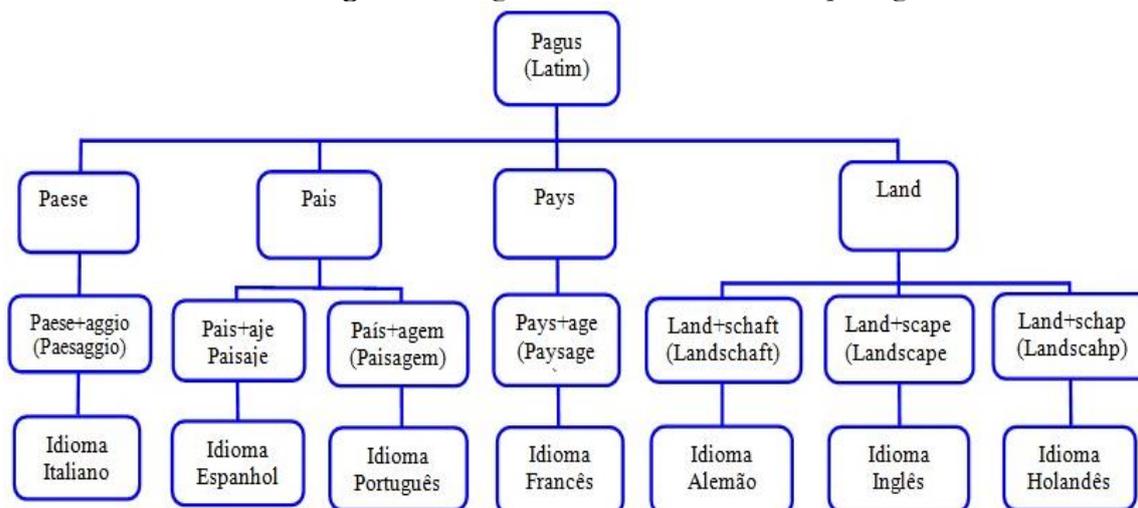
levaram à formação de concepções e sentidos distintos (polissemia) sobre o modo de concebê-la, enquanto categoria de análise.

A ideia de escrever o texto tendo a paisagem como tema central, mas não somente isso, priorizando no contexto da discussão, sua etimologia e desenvolver na Geografia, sem uma preocupação maior em discorrer sobre os conceitos a ela atribuídos, nasceu em razão de inquietações instigadas pela dificuldade de compreender num primeiro momento sua definição e conceituação, já que lhe são atribuídos sentidos diversos, ora como conceito objetivo ou subjetivo independente do sujeito, ora como noção banal subjetivada à percepção de cada indivíduo. Assim a discussão aqui presente não objetiva prender sua atenção aos diversos conceitos criados para definir paisagem, mas tentar, de forma sintética explicar ou ao menos evidenciar o porquê desse termo ser tão polissêmico na Geografia.

Terminologia e evolução da Paisagem

O termo paisagem nos remete há vários comentários e interpretações, tanto na geografia como em outros campos do conhecimento. Ele está presente como noção, na arte, na literatura, na música, na arquitetura, na fotografia e de forma banalizada, no cotidiano das pessoas por meio da mídia escrita e falada. “Porém somente a geografia deu ao seu uso um valor científico, transformando-o em eixo de toda uma teoria da investigação” (TROLL, 1997, p.02). Paisagem tem sido na Geografia, um termo recorrente e em estado de constante (re) discussão. Estabeleceu-se como um de seus conceitos-chave e uma categoria de análise das relações que se efetivam entre os processos naturais (bioquímicos e físicos) e sociais no espaço geográfico.

A variedade de interpretações referentes a esse termo é uma consequência, em primeiro momento, da evolução semântica e variação linguística do seu prefixo inicial, o qual assumiu de acordo com o idioma e o sufixo a ele acrescido, diferentes grafias. Do termo primitivo, o latim *pagus* = país (BOLÓS i CAPDEVILA, 1992; PASSOS, 2006-2008) derivaram quatro outras palavras (prefixos), *paese*, país, *pays* e *land*, onde as três primeiras possuem o mesmo significado (país) e sentido do termo original, que se refere a uma porção do espaço geográfico, a uma região geográfica, um território. O quarto termo, *land*, quer dizer terra, mas seu sentido é igualmente o mesmo dos demais. A terra, nesse caso, pode ser entendida como uma região, um terreno, uma propriedade rural, uma porção territorial, seguindo certo paralelismo com o significado de país (figura 1),

Figura 1: Origem e evolução do termo paisagem

Fonte: Esquema elaborado conforme as definições e significados do termo paisagem, encontrados nos dicionários, Aurélio (Português), Cambridge (Inglês) e Babylon (Alemão, Italiano, Espanhol, Francês e Holandês) disponíveis *online* e com base nas leituras referenciadas no texto.

Organização: Liriane G. Barbosa (2014)

De modo geral a palavra paisagem aparece associada, ao menos, a três significados: como arranjo fisionômico das características biofísicas e humanas de uma determinada área; como extensão de um terreno perceptível a partir de um lugar determinado; e ainda, como a percepção subjetiva e sua representação por meio de um quadro ou fotografia, significando um cenário ou uma cena. Deriva daí, portanto dois sentidos importantes para formação de seus diversos conceitos na geografia: um sentido objetivo ligado aos aspectos concretos do meio ambiente, aquele da descrição das formas e funções dos objetos e sua fisionomia, como uma região natural e ou os meios, rural e urbano, e aquele sentido subjetivo, ligado à percepção, à abstração do arranjo ambiental ou de parte dele, pelo sujeito.

No âmbito da ciência geográfica, porém, o termo paisagem adquiriu caráter polissêmico desde sua emergência na escola alemã, por volta do século XIX, quando começou a ser largamente utilizado. Foi através da escola alemã que o conceito de paisagem foi introduzido na geografia (LUCHIARI, 2001; PASSOS, 2006-2008; 2013; SALGUEIRO, 2001; TROLL, 1997). Conforme analisa Luchiari (2001), a construção do conceito de paisagem na Geografia ocorreu sob a influência do racionalismo positivista, de um lado, e do romantismo e idealismo do outro. Sua apreensão segundo a perspectiva racionalista se deu a partir de uma racionalização objetiva, muito mais ligada à ciência. A partir da apreensão visual de objetos travestidos de formas e passíveis de descrição fisiológica.

O contrário ocorreu com a perspectiva idealista e romântica. Segundo essa perspectiva, a paisagem aparece como um conceito subjetivo, onde, a apreensão e a descrição dos objetos da paisagem dependem da subjetividade do sujeito. Daquilo que os sentidos do indivíduo dotados, por uma formação cultural e social, conseguem apreender. É uma perspectiva mais artística e literária, muito mais ligada à pedagogia.

É compreensível a questão polissêmica da noção/conceito de paisagem quando se verifica o contexto de seu surgimento e sua evolução histórica. Segundo Lucchiari (2001), a noção de paisagem surge ainda no período medieval, na pintura, sob a forma de sentimento à natureza e valorização estética como símbolo distintivo de posição social, mas somente após romper com a visão teológica medieval a ela assimilada durante esse período, após a laicização e autonomização dos elementos da natureza é que ela adquiriu sentido de lugar.

No século XV surgiu a concepção de paisagem associada à representação de lugar, à apreensão dos quadros da natureza e sua representação por meio da pintura de quadros (PASSOS, 2006-2008; CLAVAL, 2004; LUCCHIARI, 2001). Berque, (apud ROGER 2000) destaca quatro condições para existência da paisagem: a primeira delas é sua própria representação linguística, conforme destacado no esquema da figura 1; em segundo lugar, sua representação literária, seja oral ou escrita, cantada ou descrita; e suas representações na pintura e na paisagem dos jardineiros, expressas através da ornamentação dos jardins.

Na literatura, a paisagem se fez muito presente nos romances, nos poemas e poesias. As histórias imaginadas e narradas em momentos diferentes da literatura representam um modo de conceber o mundo e está diretamente relacionado com o contexto social e político do momento, mas essa noção de paisagem tem como característica a subjetividade. O movimento romântico, por exemplo, apareceu na Europa no século XVIII e refletia aquilo que a sociedade vivenciava na época, um período de conturbação política, social e artística. Mudanças de sistemas políticos e econômicos, inconformismo social, rejeição artística às normas e sistematização do saber científico. Assumiu características subjetivas e idealistas. Expressava a realidade através dos sentimentos, sendo possível compreender, o contexto dessa época e suas mutações ou pelo menos parte delas, a partir da literatura. Nesse sentido a paisagem da literária é antes de tudo a arte de representar através da escrita, a expressão do imaginário pessoal, mas também um posicionamento político e filosófico, uma forma de expressão das relações sociedade-natureza.

Serve como ilustração disso, a literatura sertaneja, que retrata o contexto ambiental do sertão nordestino, através da representação escrita em cordel e romances

(Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto, etc.). As paisagens do sertão nordestino se fazem presente no imaginário de muitos brasileiros a partir da sua representação literária. Em “Vidas Secas”, Graciliano Ramos, externa o problema das secas no sertão e da exclusão social. Sua narrativa evidencia dois tipos de paisagens: a paisagem concreta, física e material, comumente percebível por todos e evidenciada pela descrição fisionômica do ambiente. E aquela paisagem abstrata, subjetiva e individual, evidenciada pela descrição das lembranças dos personagens, suas angústias e apego ao sertão, mesmo diante da calamidade da seca.

O movimento romântico também serviu de inspiração no modo de conceber paisagem à época. Assim a concepção de paisagem de então, emergiu sob a influência, de um lado, de um conhecimento estritamente formal e materialista, produzido pela ciência da época, o movimento de sistematização da ciência e do outro, dos ideais do movimento romântico, na Alemanha.

Na geografia, paisagem emergiu então, sob a influência da noção evolutiva da paisagem pitoresca, de representar cenários da natureza através da pintura, e da arte de ornamentação de jardins, mas também da sua noção literária, associada a uma concepção estética, assumindo nessa ciência, caráter estético-descritivo, considerando a morfogênese e a magnitude dos objetos para fins de classificação dos elementos da natureza. Estudo apoiado na fisionomia e funcionalidade. Historicamente, a referência ao termo paisagem se fez presente na geografia a partir do século XIX, sendo concebido “em geral como o conjunto de “formas” que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre”. Passos (2006-2008 p.40; 2013 p.34).

A Humboldt é atribuída as primeiras ideias sobre paisagem como conceito científico em geografia (PASSOS, 2006-2008). Suas pesquisas sobre as plantas e sua relação com os demais elementos da natureza, como o relevo e o clima, de grande relevância para geografia física e, precursoras da chamada fitogeografia, à época geografia das plantas, emergiram da confluência de saberes metodológicos multivariados, dos quais ele fez uso para alcançar seu objetivo principal: entender a unidade dos processos naturais. A “incorporação das metodologias do campo, do saber mecanicista e das perspectivas teleológicas e organicista da natureza” (SILVEIRA VITTE 2010, p.187) conduziram a geografia à construção do conceito de paisagem, fortemente marcado pelo naturalismo, relacionado, portanto à perspectiva fisionômica dos quadros da natureza.

Sua evolução no âmbito dessa ciência se deu no sentido de buscar soluções conceituais, a problemas surgidos em razão da escala, da complexidade e da globalidade das formas da superfície terrestre (PASSOS, 2006-2008). O estudo geográfico das

unidades de paisagens de caráter puramente descritivo, em que eram privilegiadas as formas dos fenômenos, sua fisionomia, não dava conta de explicar o conjunto, as interações e os processos, que determinam e condicionam a formação do arranjo espacial da paisagem.

As escolas geográficas e suas abordagens de paisagem

Podemos definir a Escola Alemã como ponto de partida para os estudos referentes à paisagem dentro da geografia. É a partir desta escola que temos a sistematização da ciência geográfica a partir das abordagens de autores como Alexander von Humboldt e Karl Ritter, ambos contemporâneos do século XIX e considerados pioneiros na abordagem da geografia como ciência. Humboldt sistematizou seus estudos a partir de várias viagens feitas ao redor do mundo em duas obras: *Quadros da Natureza* (Volume 1 e 2) e *Cosmos*. Tais obras sistematizaram a concepção da geografia como uma ciência que abarcaria todas as demais ciências no que concernem os estudos sobre a terra. Neste contexto, caberia então a geografia ser uma ciência de síntese, abarcando todos os elementos, buscando conexões que ajudassem explicar a relação homem e natureza.

Foi a partir da abordagem naturalista de Humboldt que a paisagem começou a ser entendida pela geografia como uma forma de analisar as relações presentes entre homem e natureza no do espaço geográfico. A partir do empirismo, Humboldt propunha ao geógrafo contemplar a paisagem de uma maneira quase estética, o que, concomitantemente, acarretaria para o pesquisador uma observação sistemática dos elementos, que a partir de um raciocínio lógico traria as concepções referentes à paisagem observada. (MORAES, 1997)

A abordagem de Humboldt, voltada para o conhecimento da natureza, considerava que a interação entre os conjuntos resultava em unidades integradas e a elas conferia características próprias. De acordo com a abordagem de Pedras (2000) para Humboldt o fato empiricamente observado é “elevado” como ponto de vista e desta maneira, é extraído a partir das diferentes formas naturais determinadas “constâncias e consistências” o que irá derivar uma lei empírica responsável por explicar as condições sobre a qual o fenômeno se manifesta. Toda esta observação assídua da natureza presente na obra de Humboldt trouxe vários elementos para se entender e descrever a paisagem, geograficamente. Seu viés naturalista foi o pontapé inicial para os estudos da paisagem nesta escola tão importante.

Além de Humboldt é preciso destacar também as contribuições de Ratzel, que a partir do racionalismo e do positivismo ambiental, considerou as relações casuais que interagem na natureza (PASSOS, 2003). Ratzel manteve a visão naturalista apresentada na obra de Humboldt, trazendo uma nova roupagem a partir das influências que o meio exerce sobre o homem. É na virada do século XX que então o termo *Landschaftskunde* é integrado a geografia como o estudo da ciência das paisagens considerando a partir da ótica territorial. As contribuições mais significantes neste período são dos autores: Ferdinand, von Richthofen e Sifgrid Passarge.

Richthofen, que fora um dos principais percussores da obra de Humboldt, apresenta uma visão da superfície da terra (*Erdoberflasche*) sendo a intersecção das diferentes esferas: litosfera, biosfera, atmosfera e hidrosfera, dando suporte para entender as interconexões estabelecidas em qualquer setor da mesma (PASSOS, 2003). Já Passarge foi o primeiro geógrafo a apresentar uma obra exclusiva sobre a paisagem (*Grundlagen der Landschaftskunde* 1919 - 1920), o que deu origem a um novo ramo na Geografia denominado Geografia da Paisagem.

Moura e Simões (2010), aponta que Passarge procurou relatar a partir de seus estudos anteriores que os elementos climáticos tendem à destruição das formas, enquanto a vegetação contribui para sua conservação. Neste contexto, as interações entre o conjunto de formas semelhantes geram a integração e conferem características próprias. Ou seja, não se podem considerar as unidades integradas como apenas a soma dos seus elementos, pois a interação entre elas é que irar formar uma estrutura que converta em algo diferente.

Dessa primeira abordagem de paisagem, de cunho excepcionalmente naturalista se desenvolveu a ciência da paisagem que teve em Carl Troll um de seus maiores representantes. Troll inseriu ao conceito de paisagem, abordagens ecológicas (potencial ecológico), acrescentando à totalidade dos elementos geográficos, o ecótopo, o qual ele considerava como a extensão do conceito de biótopo. (PASSOS, 2006-2008), introduzindo na Geografia a abordagem da Ecologia da Paisagem, posteriormente denominada de Geoecologia da Paisagem.

Troll considerou as estruturas da paisagem, subdividindo-as a partir da concepção de anteriores tanto da geografia como da ecologia, criando a definição de *ecótopo*, sendo este termo variante do conceito de *biótopo*, utilizado pela biologia com finalidade similar. (TROLL, 1950). Esta tendência iniciada por Troll está intimamente ligada às relações organismo-ambiente. Igualmente, os estudos de Troll, trouxeram um novo viés para o

estudo da paisagem considerando, principalmente a interlocução com outras ciências que posteriormente influenciaram muitas concepções sobre o estudo da paisagem em outras correntes teóricas.

A abordagem da ciência da paisagem na escola alemã seguiu então, orientada, simultaneamente em duas direções: uma abordagem naturalista, que se denominou de paisagem natural (*Naturlandschaft*) e outra de cunho cultural, a paisagem cultural (*Kulturlandschaft*). Essas duas abordagens iniciais serviram de âncora para o desenvolvimento das demais correntes de pensamento geográfico sobre paisagem, que se desenvolveu no âmbito das principais escolas geográficas do continente europeu (a Soviética e a Francesa) e da escola Anglo-Saxônica.

Outra importante escola para os estudos de paisagem em geografia foi e ainda é a escola soviética, que sob a influência das concepções da escola germânica e das contribuições da edafologia, assimilou características eminentemente naturalistas, designando paisagem como “sinônimo do conceito de espaço natural” (RODRIGUES & SILVA, 2013a, P.80), onde o complexo natural da terra é entendido como um composto de corpos individuais, irregularmente distribuídos, mas relacionados entre si (PASSOS, 2006-2008).

Desse modo, essa escola desenvolveu a noção de *Naturlandschaft* (paisagem natural), que tinha como propósito a identificação, classificação e cartografia das unidades naturais. Os soviéticos se empenharam em desenvolver modelos sistemáticos de mapeamentos dos elementos da natureza levando em consideração as diversas escalas. Filosoficamente essa escola está apoiada no materialismo dialético, onde a natureza forma uma totalidade dialética.

O empenho dos soviéticos em encontrar um modelo teórico que os possibilitassem, realizar a classificação sistemática das unidades taxonômicas da paisagem, levaram-nos à elaboração da Teoria dos Geossistemas. A Teoria dos Geossistemas foi desenvolvida a partir da Teoria Geral dos Sistemas, criada nos anos de 1930 por L. V. Bertalanffy, num esforço de V.B. Sochava (na década de 1960) de aplicar esta teoria aos estudos da superfície terrestre.

O geossistema foi concebido por Sochava (apud PASSOS 2003, P.36; 2006-2008 P.44) como “os sistemas naturais, de nível local, regional ou global, nos quais o substrato mineral, o solo, as comunidades de seres vivos, a água e as massas de ar, particulares às diversas subdivisões da superfície terrestre, são interconectados por fluxos de matéria e de energia, em um só conjunto”. Para Sochava (apud PASSOS, 2006-2008) o geossistema é um modelo global, territorial e dinâmico que abarca todos os elementos de paisagem e

pode ser aplicado a qualquer tipo de paisagem concreta. Desse modo o mesmo pode ser compreendido como um modelo teórico de estudo da paisagem.

Ainda de acordo com Passos, a proposta de estudo geossistêmico de Sochava, incluía a classificação dos geossistemas numa ordem escalar decrescente, do global ou terrestre, passando pelo regional, de grande extensão e pequena escala indo até o topológico, de pequena extensão e escala de detalhe. A contribuição da escola Soviética é largamente reconhecida como umas das mais importantes para o conhecimento sobre paisagem em geografia, e especialmente para a “dita” geografia física, tanto no que diz respeito à “ordem epistemológica, quanto de estruturas institucionais”. Foi essa escola quem lançou as primeiras bases epistemológicas dentro de uma “*lógica paisagística*” (PASSOS, 2006-2008, p.48).

Mas a paisagem, embora tenha sido um tema central na geografia desde os anos 20 do século XX, seu conceito só se consolidou de fato como conceito chave dessa ciência, após os anos 1970. O paralelismo entre objetividade e subjetividade presente na definição desse termo, dificultou a formação de uma base conceitual sólida. Até os anos 1960, os maiores avanços foram conseguidos com a escola soviética, no âmbito da paisagem natural caracterizada por ser uma paisagem objetiva e naturalista (PASSOS 2006-2008) com ênfase no quadro natural, cuja análise ambiental é feita com a utilização de modelos prospectivos.

Na escola Anglo-Saxônica se desenvolveu, com Carl Sauer, uma visão culturalista da paisagem, onde se entendia que o homem ao interagir com a natureza, através de sua cultura, forma a paisagem. A paisagem era percebida “como um conjunto de formas físicas e culturais” (RODRIGUEZ & SILVA, 2013a, p.78). A base filosófica dessa corrente paisagística é o materialismo, onde a natureza é vista como um todo harmonioso. A paisagem, nesse caso é a soma dos elementos naturais e culturais, sem muita preocupação com a integração sistemática entre os mesmos. A paisagem anglo-saxônica de desenvolveu a partir da Geomorfologia (BOLOS i CAPDEVILA, 1992).

Na escola francesa, a maior contribuição científica aos estudos de paisagem vem do geógrafo Georges Bertrand. A geografia lablachiana até a segunda metade do século XX teve seus estudos voltados para descrição das regiões geográficas daquele país. Preocupava-se em enfatizar, descritivamente, as características individuais de cada região. Segundo Passos (2006-2008) esse caráter excepcionalista-descritivo frustrou qualquer tentativa de conceituação da paisagem no âmbito dessa escola.

Na década de 1970, Bertrand (2004) então propôs um esboço metodológico de estudo global da paisagem em geografia física. Sua proposta metodológica consistia em

classificar as unidades taxonômicas da paisagem por ordem de grandeza escalar. Desse modo indicou seis níveis taxonômicos hierarquizados, partindo de uma ordem de grandeza escalar global para uma ordem de grandeza escalar local, distribuídos em dois grupos de unidades: as unidades superiores (Zona, Domínio e Região Natural) e as unidades inferiores (Geossistema, Geofácies e Geótopo).

Em sua proposta, o geossistema corresponde, numa escala local, ao resultado da combinação de dados abióticos (potencial ecológico)-fatores geomorfológicos, climáticos e hidrológicos-, com os dados bióticos (exploração biológica)-flora, fauna e solo- e a ação antrópica. Essa proposta geossistêmica de Bertrand (2004) se diferencia, portanto da proposta geossistêmica de Sochava pela inserção do caráter antrópico. Sua proposta não pretende o estudo puro e simplesmente do sistema natural do ponto de vista funcional e estrutural, como o faz a escola soviética, mas estudá-lo sob o ponto de vista das alterações antrópicas.

O geossistema surgiu, portanto, como um modelo teórico metodológico de estudo da paisagem, mas também por uma necessidade de superação do estudo fragmentado praticado pela geografia até então, primordialmente como uma tentativa de superar os problemas de ordem epistemológicos em relação ao conceito de paisagem. Segundo Bertrand & Bertrand (2004 p. 141; 2009 p.33),

“a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. A dialética tipo-indivíduo é o próprio fundamento do método de pesquisa”.

Como é possível constatar, a partir dessa primeira definição bertrandiana de paisagem, o fundamento centralizador de sua proposta é a dinâmica dialética das relações entre os elementos biofísicos e antrópicos. Para esse autor não é somente o natural que compõe a paisagem, mas o todo numa determinada porção de espaço natural/humano, que em sua relação dialética determinam a evolução geral de uma paisagem.

Desse modo a evolução do pensamento sistêmico na ciência a partir da elaboração da Teoria Geral dos Sistemas por Bertalanffy, seguida do desenvolvimento do conceito de Ecossistema na Biologia, nos anos de 1930, e da Teoria dos Geossistemas nos anos 1960, alçou as bases epistemológicas do estudo da paisagem. Segundo Passos (2006-2008, p. 51; 2013. P 35), sua conceitualização, enquanto objeto de pesquisa da geografia se deu mediante a ocorrência de fatos científicos internos e externos a essa ciência:

- Desenvolvimento da teoria e da reflexão epistemológica em todas as pesquisas ditas de “ponta”, muito particularmente em Biologia;
- Os progressos da Ecologia de síntese ou biocenótica que autorizaram o estudo global da Biosfera com ajuda de conceitos integradores simples (ecossistema, biocenose, biótopo, cadeia trófica, etc.);
- A contribuição das escolas geográficas que desenvolveram estudos integrados, práticos ou teóricos, qualitativos ou quantitativos (ex-URSS, Europa de Leste, Austrália, Canadá, França, etc.);
- Sobre o plano técnico, a generalização da fotointerpretação e o avanço da teledeteção (ou sensoriamento remoto), que fornecem documentos particularmente adaptados ao exame global da paisagem;
- Enfim, não se entenderia o desenvolvimento da Ciência da Paisagem fora dos problemas do meio ambiente, da organização dos recursos naturais e da proteção da natureza que colocam, em termos novos e graves, a questão das relações entre os indivíduos, as sociedades e os meios ecológicos.

Embora a discussão de paisagem tenha alçado bases conceituais, epistemológicas e procedimentais significativas, ela ainda continua a ser um termo impreciso, podendo ser definido muito mais como uma noção do que um conceito propriamente. Segundo Passos (2013), ela é uma construção banal e não um conceito construído cientificamente. Nesse sentido paisagem torna-se uma abstração interior e particular a cada sujeito.

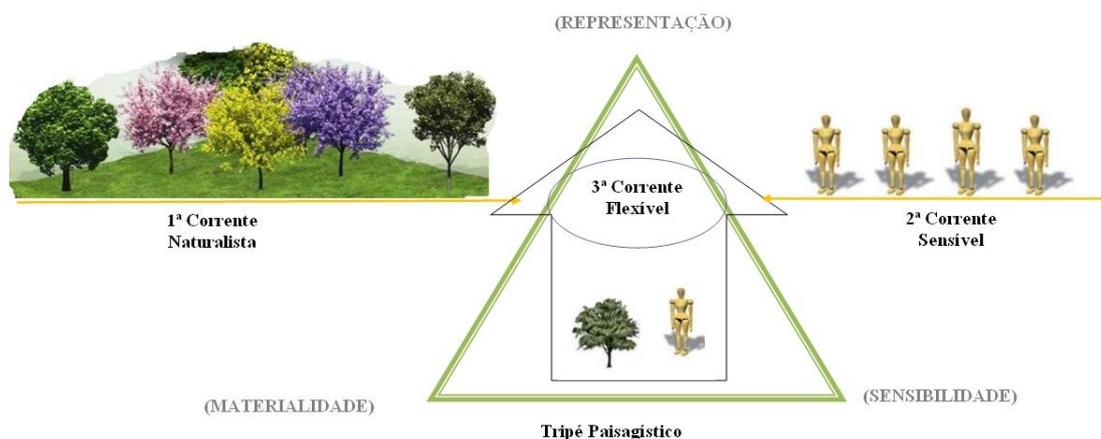
O paralelismo divergente entre os enfoques objetivo e subjetivo continuam a caracterizar o estudo da paisagem. O que geralmente se percebe, a partir das leituras conceituais desse termo é a opção por um em detrimento ao outro. Ora paisagem aparece associada a uma concepção naturalista, dotada de forma e estrutura e, portanto sob um enfoque objetivo, ora ela aparece como uma abstração ou uma percepção do arranjo físico e estrutural do meio ambiente, ora aparece como um sentimento em relação ao meio ambiente, ambos sob um enfoque subjetivo.

Passos (2013, p. 36) considera que “a paisagem, sobretudo no seu aspecto dinâmico de ‘processos paisagísticos’ deve ser estudada como um ‘polissistema’ formado pela combinação de sistemas natural, social, econômico, cultural etc.”.

Rennó (2009) inspirada nas reflexões de Beringuier desenvolveu uma proposta para abordagem da paisagem a partir um modelo tridimensional que ela denominou de Tripé Paisagístico (figura 6). A proposta contempla as três correntes de estudo da paisagem. A abordagem de Beringuier sugere seu estudo a partir da forma, da imagem e

do valor. Rennó criou correspondências para cada uma dessas entradas. A primeira delas é a forma, que corresponde no modelo elaborado por Rennó, à entrada materialista, sendo associada, a corrente naturalista, cujo enfoque, objetivamente está centrado nos aspectos biofísicos da natureza e na sua relação com o homem, privilegiando o estudo da forma e sua estrutura.

Figura 6: Tripé Paisagístico



Fonte: Esquema elaborado por Rennó (2009), com base no trabalho de Beringuier (2004). O esquema é uma interpretação esquemático-teórico das possíveis entradas de estudo da paisagem, de acordo com as abordagens de paisagem inferidas pela autora ao longo do texto de seu trabalho sobre o Rio São Francisco. **Adaptação e organização:** Liriane G. Barbosa

Dessa forma a paisagem interpretada a partir do enfoque materialista pode ser entendida como um arranjo de formas e estruturas naturais e sociais perfeitamente perceptíveis e passíveis de classificação teórico-metodológica. A escola russa de geografia, antiga escola soviética, é a melhor ilustração de escolas que desenvolvem estudos ambientais com abordagem essencialmente materialista através da Geocologia das Paisagens.

As bases filosóficas fundamentadoras dessa vertente é o materialismo dialético e sob o ponto de vista sistêmico sua análise ambiental considera a natureza como uma organização sistêmica, formada por diferentes elementos em constante interação, onde o homem é um agente modificador dos sistemas naturais, através de sua cultura (RODRIGUEZ & SILVA, 2013a). As paisagens sob essa perspectiva “são unidades geológicas resultantes da interação complexa de processos naturais e culturais. Elas podem se originar, existir e desaparecer sem a interferência humana, mas sua representação não é independente da cultura” (CAVALCANTI, 2014 P.18).

A segunda corrente de Beringuier (apud RENNÓ, 2009) é o estudo da paisagem a partir da imagem. No Tripé Paisagístico de Rennó, imagem diz respeito à sensibilidade do sujeito (homem), por isso a autora a considerou como a corrente do sensível. Essa é uma corrente desenvolvida no âmbito da geografia cultural, que entende a paisagem como um arranjo de objetos visíveis a partir da percepção do sujeito. É o estudo do significado que o sujeito atribui aos objetos (naturais e sociais) e ao arranjo deles, na sua relação com o meio ambiente. É a imagem internalizada a partir da apreensão dos fenômenos pelos sentidos do indivíduo.

E desse modo, pode-se inserir nessa perspectiva Georges Bertrand, para o qual paisagem é hoje, uma dimensão cultural, o patrimônio identitário do sujeito e suas representações simbólicas de mundo. Segundo essa corrente, a paisagem não pode ser definida, apenas expressada através do significado a ela atribuído, isso por que ela surge na interação entre o homem e uma porção qualquer do espaço geográfico. Desse modo ela é um processo e ao mesmo tempo um modo de representação cultural do espaço (PASSOS, 2013).

É importante destacar a mudança de percepção de Bertrand em relação à conceitualização de paisagem desde que abordou esse tema pela primeira vez no final da década de 1960 e início da década de 1970. Seus estudos sobre meio ambiente reconhecendo-o como um sistema complexo demais para ser estudado a partir de um único conceito, o levou a proposição de um sistema tripolar, o GTP, onde a paisagem assume caráter essencialmente cultural e patrimonial.

Assim Bertrand passou de uma abordagem naturalista com enfoque objetivo, em que a interpretação das unidades taxonômicas da paisagem se fundamentava no modelo teórico metodológico, geossistema, para uma abordagem centrada na interpretação da paisagem a partir da abstração sentimental do sujeito. A paisagem para Bertrand passou a ser uma abstração, uma noção, a identidade do sujeito em relação ao seu meio ambiente. O geossistema em sua nova proposição (GTP) é um dos tripés (entradas) para interpretação do meio ambiente, nesse caso a sua dimensão naturalista. A paisagem sob esse enfoque é a dimensão cultural do meio ambiente e existe em relação ao território, segunda dimensão ambiental.

A terceira corrente de interpretação da paisagem é aquela que leva em consideração o valor, e no sistema de Rennó (2009) é a corrente flexível, aquela da representação. Essa corrente se encontra no centro do sistema porque se propõe a uma abordagem de paisagem, articulando as duas primeiras correntes, materialista e sensível, como forma de superar as deficiências apresentadas por ambas, mesmo sem levar em

conta suas teorias e métodos de estudo (RENNÓ, 2009). Para essa autora, a paisagem não é apenas aquela dos objetos concretos e tão somente aquela da imaginação do sujeito, mas a complexa interação dos dois mundos e, portanto, uma abordagem de paisagem tem que levar conta, por um lado, as coisas materiais e por outro, a instituição mental e a própria complexidade desta articulação, pois, somente dessa forma é possível construir a interface.

Vale destacar ainda, a importância que a abordagem paisagística vem assumindo em relação ao estudo do meio ambiente, seja como conceito ou como noção, seja também do ponto de vista ecológico ou do ponto de vista sociocultural. Nesse sentido retoma-se novamente a importância das concepções de paisagem desenvolvida, especialmente, no âmbito das escolas russa e francesa. Ambas as escolas vêm desenvolvendo estudos do meio ambiente sob uma perspectiva paisagística, buscando interpretá-lo a partir da aplicação de modelos teórico-metodológicos, dos quais o modelo GTP é a melhor ilustração.

Estudos da paisagem no Brasil

No Brasil estudos dessa natureza vêm sendo bastante difundidos, especialmente, influenciados, epistemologicamente, pelas concepções filosóficas das escolas mencionadas. De modo que é possível identificar ao menos três linhas de estudo dessa natureza no país. Uma primeira linha de estudo segue a abordagem mais ecológica. Utiliza modelos geoecológicos e cartográficos para modelar a paisagem. Podem ser destacados os trabalhos de Rodriguez et.al (2013), Rodriguez & Silva (2013a) e Cavalcanti (2014).

Ambos os trabalhos propõem o uso de metodologias geoecológicas e cartográficas, respectivamente, para a análise ambiental sob uma perspectiva paisagística. As duas vertentes se apoiam em modelos de paisagem e têm na cartografia uma ferramenta para modelar as unidades taxonômicas. A diferença básica entre estas duas concepções é que, enquanto para os primeiros, os elementos centrais de sua análise são função, estrutura vertical, estado e transformações e modificações da paisagem, o segundo diferencia taxonomalmente as unidades de paisagem, essencialmente a partir da fisionomia do conjunto.

É possível perceber claramente, nesse último caso, as influências de Ab'Saber (2003). Esse geógrafo, na tentativa de diferenciar as paisagens brasileiras levando em conta o conjunto geoecológico (padrões climáticos, pedológicos, geológicos, geomorfológicos e principalmente fitofisiômicos), realizou a classificação fitogeográfica e morfoclimática das paisagens naturais brasileiras com base na sua análise fisionômica, as peculiaridades do arranjo dinâmico natural de cada região do Brasil. Inclusive, o elemento

indicador da paisagem de Ab' Saber (2003) era a cobertura vegetal, tal como o é para Bertrand.

A Geoecologia das Paisagens tem sido amplamente discutida na geografia brasileira, principalmente por autores como Cavalcanti (2014), Silva e Rodriguez; Silva e Cavalcanti (2013) e Rodriguez e Silva (2013a e 2013b). A principal escola brasileira de disseminação dos estudos da Geoecologia das Paisagens tem sido a escola geográfica cearense, através da parceria com a escola cubana. As abordagens referentes a Geoecologia das Paisagens, tem como referência os estudos do século XIX propostos por Humboldt, Lamonosov e Dokuchaev. (BARROS, 2011), mas também está fortemente apoiada na Geografia da Paisagem de Carl Troll, que tem como fundamento teórico a concepção de geossistema de Sochava.

Barros (2011) aponta que devido sua importância conceitual e a metodologia de trabalho utilizada, trata-se de uma proposta adotada nos estudos da Geografia, no que concerne o planejamento ambiental oferecendo importantes contribuições para o conhecimento da base natural e do meio ambiente, sendo este, entendido como o meio global, para a formulação de uma base teórico-metodológica, condizente para o planejamento e gestão ambiental, bem como na construção de um modelo teórico que incorpore a sustentabilidade no processo de desenvolvimento.

Para Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2013), ao estudar as paisagens naturais, temos como pontos de partida dois direcionamentos teóricos: um voltado para os aspectos biofísicos, de base epistemológica fincada na geografia alemã de Humboldt e Dokuchaev, a qual fundamentou também os estudos da geografia russo-soviética, com um viés mais naturalista. O outro voltado ao sociocultural, sob o qual se analisa a paisagem a partir da ótica social ou pela percepção humana. A paisagem construída neste caso está ligada a uma visão fragmentada do objeto e seus componentes naturais. Esta essência é que influenciou os estudos da geografia francesa, tendo Bertrand como seu principal expoente. Neste contexto, a geoecologia das paisagens tem como objetivo tentar integrar as correntes teórico-metodológicas sobre a abordagem da paisagem dentro da geografia e da ecologia, concentrando-se nos estudos Geoecológicos, Ecogeografia ou da Geografia Ambiental.

Uma segunda linha de pesquisa está ligada à geografia cultural e tem como principal referência brasileira o geógrafo Lobato Corrêa, que desenvolve estudos paisagísticos no âmbito da geografia cultural e urbana. A influência maior dessa vertente vem de Sauer e Cosgrove. A paisagem, nesse sentido, representa a “expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio” (LUCHIARI, 2001).

A terceira linha de pesquisa tem como fundamento teórico-metodológico o sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) de Bertrand, desenvolvida no Brasil por Passos (2006-2008; 2013), que tem procurado fazer sua abordagem a partir do estudo do meio ambiente. A aplicação desse modelo, à análise ambiental é feita partindo da abordagem naturalista do geossistema, sob o ponto de vista de um geocomplexo antropizado, onde este é analisado a partir de suas estruturas vertical e horizontal, seguido, simultaneamente de uma abordagem socioeconômica, do território, considerado aí como as relações e os meios de organização social do meio ambiente, e finalmente da abordagem sociocultural do meio ambiente, a paisagem. Nesse caso a paisagem é um componente de interpretação da percepção do sujeito em relação ao meio em que vive. A abordagem se apoia metodologicamente, em depoimentos dos sujeitos da pesquisa e no imageamento fotográfico.

Considerações finais

A paisagem ganha ares científico na geografia, muito notadamente devido as próprias origens que o termo apresenta em sua grafia nos diversos idiomas. O termo paisagem, transcende então o campo da arte e do romantismo e passa a ser uma das principais categorias de análise dentro das pesquisas referentes ao meio ambiente, iniciadas juntamente com a contribuição de outras áreas do conhecimento científico, como a biologia e a ecologia.

Podemos inferir que a inserção da paisagem na geografia acompanhou o desenvolvimento da própria ciência geográfica, desde as primeiras constatações e estudos referentes à geografia como ciência, com as escolas alemã e francesa, sendo as principais expoentes da sistematização da geografia.

Em suma, podemos definir que a paisagem abordada pela geografia, apresenta várias nuances, mas que no contexto geral acabam tendo conexões importantes para que o geógrafo possa apontar a direção a ser trabalhada no âmbito do aspecto teórico-metodológico de sua pesquisa.

Contudo, cabe explicitar aqui, que a abordagem da paisagem como categoria de análise transpassa todas as fronteiras pertinentes a discussão sobre a divisão da ciência geográfica entre o físico e o humano. A paisagem como propriamente dito, a partir de todas as escolas abordadas, transcreve as relações entre homem e natureza, entre social e o físico e é a partir desta perspectiva que o geógrafo deve considerar-la em sua análise.

The landscape in geography: different schools and approaches

ABSTRACT: In a general context, geography has the approaches about the society and nature relations as its main focus. Such relations have always been the main object of the geography studies in all of the analysis categories (space, landscape, territory, region, place), with more or less emphasis regarding to the comprehension of the geographical space organization, being the geographer's responsibility to understand how these relations are transcribed from their research point. Notably, the landscape studies, in this science, present a relevant role to understand such relations. It was this way how it established itself as one of the main analysis categories, becoming at the same time in concept and notion, presenting interpretive polyssemies, which conferred them parallel, objective and subjective senses throughout the years. It was developed a theoretical and methodological body of studies of the environment from a set of techniques and tools of analysis on one hand, and on the other hand, a pedagogy of study from the perception of the subject. Thus, we can conceive it as a geographical transcription/interpretation of the spatial arrangement. Based on this premise, the present text brings a brief approach of the landscape study in geography, emphasizing the development of the diverse conceptions within the geographical schools.

Keywords: Landscape. Approaches. Geography.

Referências

AB SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios da Natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BARROS, Luciana Lira. Aplicações da geoecologia da paisagem no planejamento ambiental e territorial dos parques urbanos brasileiros - Revista Geográfica de América Central - *Número Especial EGAL*, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1 - 14

BERTRAND, Georges. **Paisagem e Geografia Física Global:** esboço metodológico. R. **RA'E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega>.

BERTRAND, Claude e BERTRAND, Georges. **Uma Geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades.** Tradução Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2009.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica** . 15ª edição, São Paulo, Hucitec, 1997.

CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Cartografia de Paisagens:** fundamentos. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

CODEVASF, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba- **Plano de Ação para o Desenvolvimento Integrado da Bacia do Parnaíba, PLANAP:** Atlas da Bacia do Parnaíba. Brasília: TODA Desenho & Arte, 2006.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

LUCHIARI, Maria Teresa Paes. A(re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

PASSOS, Messias Modestos dos. **Paisagem e meio ambiente (Noroeste do Paraná)**. Maringá: Eduem, 2013.

_____. **A raia divisória: geossistema, paisagem e eco-história**. Maringá: Eduem, 2006-2008.

_____. **“A Raia Divisória - eco-história da raia divisória.”** 1. ed. Maringá/Paraná: EDUEM, 2007. v. 500. 310p .

_____. **Biogeografia e Paisagem**. -2 ed.-Maringá :[s.n.], 2003.

_____. **O Pontal do Paranapanema: um Estudo de Geografia Física Global**- Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo - USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1988

PEDRAS, Lucia Ricotta V. – A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p. 97-114, junho/agosto 2000

RENNÓ, Fernanda de Andrade Pinto. **Le Sertão Mineiro: Um territoire à la recherche de ses paysages et de ses identités**.2009.These (Doctorat)- I' Université de Toulouse Le Mirail, Toulouse, 2009.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo, et al . **Geocologia das paisagens: uma análise ambiental**. 4 ed. - Fortaleza: Ed. UFC, 2013.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo. SILVA, Edison Vicente da. **Planejamento e gestão ambiental: subsídios da geocologia das paisagens e da teoria geossistêmica**. Fortaleza: Edições UFC, 2013a.

_____. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: problemática, tendências e desafios**.3 ed.- Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013b.

ROGER, Alain. La Naissance Du Paysage en Occident. In: SALQUEIRO, H. Angotti. **Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar**. São Paulo: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2000.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. V.36, 72. Minho: Finisterra, 2001, PP.37-53.

SILVEIRA, Roberison Wittgenstein Dias da & VITTE, Antônio Carlos. **Os Quadros linguísticos da paisagem em Alexander von Humboldt: correspondência com médium-de-reflexão do romantismo Alemão do início do século XIX**. Floema - Ano VI, n. 6, p. 153-173, jan./jun. 2010.Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/view/504>.

TROLL, Carl. A paisagem Geográfica e sua investigação. N. 4. Rio de Janeiro-RJ: **Revista Espaço e Cultura**, 1997, p 1-7. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/issue/view/515>.

TROLL, Carl, “Die geographische Landschaft und ihre Erforschung” – Studim Generale, 1950, traduzido por BRAGA, G.C. **Espaço e Cultura**, N° 4, junho de 1997

SOBRE OS AUTORES

LIRIANE GONÇALVES BARBOSA - Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Piauí. Mestranda em Geografia pelo programa de Pós Graduação da FCT/UNESP, Campus Presidente Prudente.

DIOGO LAERCIO GONÇALVES – Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - FCT/UNESP de Presidente Prudente –SP. Mestrando do programa de Pós Graduação de Geografia da FCT/UNESP, Campus Presidente Prudente.

Recebido para avaliação em Novembro de 2014

Aceito para publicação em Dezembro de 2014